

Morto em Resaca

AMBROSE BIERCE



FREE BOOKS

AMBROSE BIERCE

MORTO EM
RESACA

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL –
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: MORTO EM RESACA. **Autor:** Ambrose Bierce (1842 – 1914?).

Tradução/adaptação de autor desconhecido, publicada originariamente no jornal *Correio da Manhã* (RJ), edição de 15 de junho de 1939. Fizeram-se breves adaptações textuais.

Imagem da capa: James R. O'Neill (1833 – 1863).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 51.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, *caput* e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Ano: 2018.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br,

www.contosdeterror.site

Sumário

MORTO EM RESACA.....	5
SOBRE O AUTOR.....	12

MORTO EM RESACA

O melhor soldado da nossa guarnição era o tenente Herman Brayle, um dos ajudantes de ordem. Não me recordo bem de onde o general o mandara vir. Creio que de Ohio. Para não provocar ciúmadadas e invejas, o general escolhia seus auxiliares em outros regimentos e todos consideravam isso uma grande honra.

O tenente Brayle era um belo rapaz, de olhos azuis e de cabelos claros. Gostava de andar sempre em grande uniforme. Tinha modos cavalheirescos e uma coragem do leão.

Todos nós apreciávamos Brayle e foi com pesar que notamos — depois da primeiro combate em Stone's River — que ele possuía um feio defeito: era vaidoso da sua coragem e tinha a mania de se mostrar o mais possível em lugares perigosos, só se acautelando quando censurado pelo general. Este, porém, tinha mais que fazer do que tomar conta de seus subordinados.

Brayle montava admiravelmente. Nas refegas, quando os oficiais buscavam abrigo, ele enfrentava proposital e inutilmente o fogo. Enquanto ficávamos achatados contra o solo por horas a fio, como se faz em luta de campo aberto, Brayle pavoneava-se como se estivesse num passeio. Se tinha de levar uma ordem na linha de fogo, em vez de ir de cabeça baixa e a correr, para evitar ser alvo de algum atirador, ia a passo de *footing*. Mas, justiça seja feita, ele não fazia isso por mofa aos camaradas e para gabar-se depois: nunca falava de suas proezas. Apenas, uma vez, disse ao capitão:

— Se algum dia eu morrer por imprudência e por não ter ouvido os seus conselhos, prometa que alegrará os meus últimos momentos, dizendo: — *Eu não lhe disse?*

Pouco tempo depois, quando o capitão foi despedaçado por uma bala, Brayle, sem preocupar-se com as granadas, ficou longo tempo junto ao corpo, a recompor os

membros esfacelados. Ato heroico fácil do censurar e... difícil de imitar...

Afinal chegou o seu dia. Foi em Resaca, na Geórgia, durante o movimento que resultou da captura de Atlanta. Em frente a nós, a linha inimiga de terra corria através dos campos abertos sobre uma leve crista. Em cada momento e em cada ponto do terreno, estávamos perto do inimigo, mas só poderíamos ocupar espaço quando escurecesse. Estávamos aproximadamente a um quarto de légua de distância, numa mata, em semicírculo. A linha inimiga achava-se em corda de arco.

— Tenente, vá dizer ao coronel Ward que se aproxime a coberto o mais que puder, para não gastar munição desnecessária. Deixo aqui o cavalo.

Mas antes que alguém pudesse impedir, Brayle galopava em direção ao campo!

— Pare aquele idiota! — gritou o general.

Um ordenança, com mais ambição que do que miolos, tomou um cavalo e partiu a correr. Soldado e montaria morreram em campo de honra. Brayle galopava sem parar, sendo alvo de centenas de rifles, obrigando a nossa linha a ir em sua defesa, pois ninguém podia suportar tanta brutalidade. Isto causou o tiroteio dos dois lados e uma luta terrível. Brayle, no entanto, único responsável pela carnificina, estava de pé, o cavalo caído a pouca distância. Logo adivinhei porque ele estava parado. Como engenheiro topográfico, eu havia, horas antes, feito um leve exame do terreno e me lembrei de que, naquele ponto, havia um profundo e sinuoso abismo, invisível do ponto em que nos achávamos. Brayle, porém, ignorava isto.

A passagem era impraticável: mais dois passos e seria a morte. Assim que ele caiu, o fogo cessou como que por milagre. Só alguns tiros esparsos, do longe em longe, quebravam o silêncio.

Entre os objetos encontrados nos bolsos de Brayle, estava uma velha carteira de couro oriunda da Rússia. O general deu-me a carteira, como recordação de um herói.

Um ano depois da guerra, a caminho para a Califórnia, achando a carteira em meu bolso, abria-a e examinei-a. Continha uma carta sem envelope e sem endereço. Era letra de mulher e começava com uma palavra de carinho, mas não dava nenhum nome. Estava assinada: Querida — sublinhada a palavra. Embaixo a assinatura: Marian Mendenhall — São Francisco, Califórnia, 9 de julho de 1862. Dizia a missiva:

“O senhor Winters, a quem sempre odiei por isso, contou-me que, numa batalha qualquer em Virgínia, onde ele foi ferido, você se escondeu atrás de uma árvore. Penso que ele quer diminuir minha estima por você, pois sabe o quanto detesto a covardia. Prefiro saber da morte do meu amado soldado a sabê-lo covarde”.

Foram estas as palavras que causaram a morte de uma centena de homens. E a mulher culpada?

Uma tarde lembrei-me de procurar a Sra. Mendenhall, a fim de lhe devolver a carta. Tencionava dizer-lhe também qual tinha sido o resultado da sua missiva. Encontrei-a: era linda e gentil.

— A senhora conheceu o tenente Brayle? — indaguei estouvadamente. — Sabe decerto que ele morreu em combate. Em sua carteira, achei esta carta, que lhe pertence.

— Foi muito amável — disse ela depois de ter olhado a carta. — Sinto que tenha tido tanto trabalho por tão pouca coisa.

Depois, reparando numa mancha pardacenta sobre o papel:

— É sangue?... sangue? Não pode ser!

— Senhora — retorqui —, é bem o sangue de um coração valente e nobre. O melhor coração que conheci.

— Não, não posso suportar a vista de sangue! — gritou a moça, atirando a missiva ao fogo. E depois, mais serena:

— Diga-me: como foi que morreu?

Eu havia me precipitado, procurando salvar aquele papel sagrado para mim. Voltei a cabeça a fim de responder à pergunta. A luz das chamas refletiu-se nos olhos e no rosto da mulher, espalhando sobre toda a fisionomia uma larga mancha, rubra como se fosse sangue.

Nunca vira coisa alguma mais linda do que aquela detestável criatura.

— Brayle morreu — respondi, fitando-a — picado por uma víbora.

SOBRE O AUTOR

Ambrose Gwinnett Bierce nasceu em Meigs County, Ohio, 24 de junho de 1842. Lutou na Guerra da Secessão, ferindo-se gravemente em campo de batalha. Ingressando na carreira jornalística, destacou-se como crítico mordaz da sociedade norte-americana. Amargo e irônico; sarcástico e cruel; pungente e cínico, Bierce, com o seu estilo claro e fluente, sagrou-se como um dos maiores escritores de horror de todos os tempos. Mordacidade, economia nas palavras e argúcia nas observações são o seu traço inconfundível. Decidiu-se, já idoso, por uma viagem ao México, então em plena guerra civil. Desapareceu misteriosamente, sem deixar vestígios. Especula-se que Bierce tenha sido fuzilado pelas tropas revolucionárias de Pancho Vila em janeiro de 1914.